

O bombardeio da autoridade institucional sobre os jornalistas no filme “O Escândalo”¹

Francisco Pedro da SILVA NETO II²

Gessica Souza VIANA³

Paulo Victor GUALBERTO⁴

Raimundo Nonato Alves de MIRANDA⁵

Ingrid Pereira de ASSIS⁶

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

RESUMO

O filme “O Escândalo” (*Bombshell*, em inglês) levou para o ambiente ficcional a história real de casos de assédio sofridos por jornalistas e dentro da emissora estadunidense Fox News, cometidos pelo então presidente desta, Roger Ailes. O objetivo deste artigo, portanto, é articular algumas proposições da Teoria Organizacional do Jornalismo e aspectos retratados neste filme. Isto será realizado a partir de uma revisão bibliográfica sistemática. Dessa forma, inspirados pela Teoria Organizacional, neste artigo também serão abordados temas como a relação entre o ex-presidente dos EUA, Donald Trump, com a emissora Fox News, que ajudam a compreender o contexto social e político no qual os fatos retratados no filme aconteceram.

PALAVRAS-CHAVE: Abuso sexual; Fox News; Teoria organizacional.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Acadêmico da turma 2018/2 do curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: francisco.pedro@mail.uft.edu.br

³ Acadêmica da turma 2018/1 do curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: gessica.viana@mail.uft.edu.br

⁴ Acadêmico da turma 2018/2 do curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: paulo.gualberto@mail.uft.edu.br

⁵ Pedagogo pela Faculdade Anhanguera; Acadêmico da turma 2018/1 do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: timothy7@mail.uft.edu.br

⁶ Orientadora do trabalho. Professora substituta do curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins (UFT); doutora em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com doutorado sanduíche pela Universidade de Aveiro (Portugal); mestra em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e bacharel em Comunicação Social – Hab. Jornalismo, também pela UFMA. E-mail: ingrid.p.assis@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

“O Escândalo” é um filme baseado em fatos reais, que aborda o machismo, a LGBTfobia, o conservadorismo e falso moralismo, a partir de uma narrativa construída sobre casos reais de assédio e sobre a coragem de mulheres que lutaram por justiça para alcançarem seus objetivos.

O filme retrata o universo jornalístico como predominantemente masculino. A imagem da mulher é mostrada como um objeto de conquista, por aqueles que detêm o poder de com um teste promovê-las dentro da empresa ou acabar com suas carreiras. De forma mais superficial, também retrata a luta da jornalista e apresentadora Megyn Kelly (vivida pela atriz Charlize Theron) contra o então candidato a presidente dos EUA, Donald Trump. Ela alega perseguição e ataques machistas, e tenta desestabilizá-lo. Por fim, não tendo êxito, uma vez que a Fox News era aliada de Trump, resolveu se calar e fazer um acordo, sendo criticada por isso até mesmo pelo marido.

O filme demonstra a estrutura de intimidação que funcionava de modo a evitar denúncias de abuso, sejam eles físicos ou emocionais, que ocorriam dentro da empresa. No disfarce de um protetor, por todos os “cuidados” com seus funcionários, o ex CEO Roger Ailes (interpretado por John Lithgow), vai tendo a sua boa imagem desconstruída no decorrer da trama, a partir dos relatos de assédio sexual pela apresentadora Gretchen Carlson (Nicole Kidman) e pela produtora Kayla Pospisil (Margot Robbie). A história mostra ainda o conflito vivenciado por Megyn, que acreditava que sua palavra não teria crédito, devido a fama do canal e pelo poder econômico de seu presidente, e temia por sua imagem, que poderia ser destruída diante da sociedade, caso viesse a revelar os atos assédio dentro da empresa. Esta estrutura de poder sufocava aquelas mulheres, até o ponto que elas não aguentaram mais e decidiram denunciar, mesmo temendo as possíveis represálias. Ao final, novas portas se abririam, apesar de todo escândalo e elas ainda foram indenizadas por todos os males sofridos.

Considerando tudo isso, o objetivo deste artigo é construir uma articulação entre as proposições da Teoria Organizacional do Jornalismo e aspectos retratados no filme “O Escândalo”. Isto será feito a partir de uma revisão bibliográfica sistemática. Dessa

forma, primeiramente, este artigo se volta à compreensão da teoria, para, em seguida, realizar a análise aqui proposta.

CONTROLE SOCIAL NA REDAÇÃO

A obra "Jornalismo: questões, teorias e estórias" foi organizada por Nelson Traquina e publicada no ano de 1993, em Lisboa, Portugal. Nesta pesquisa, é apresentada a Teoria Organizacional, criada por Warren Breed. A teoria pressupõe que as notícias são como são porque as empresas e organizações jornalísticas assim as determinam.

Breed estudou, em 1955, a rotina do editor chefe e constatou que ela exerce influência nas escolhas do jornalista. Para o pesquisador, a principal fonte de expectativa do jornalista não é o público e, sim, seus colegas de trabalho e superiores. Sendo assim, o profissional acaba sendo socializado na política editorial da organização através de um sistema de recompensa e punição. Em outras palavras, ele se conforma com as crenças editoriais que passam a valer mais que a sua crença individual.

Breed (1955) destaca que o jornalista, ao estar inserido no contexto imediato da organização, conforma-se às normas da política editorial. “Ele se conforma com as normas editoriais, que passam a ser mais importantes do que as crenças individuais” (PENA, Felipe. 2012, p. 136). O autor elenca os seis fatores que promovem o conformismo com a política editorial de uma organização, são eles:

- 1) a autoridade institucional e as sanções;
- 2) os sentimentos de obrigação e de estima com os superiores;
- 3) as aspirações de mobilidade profissional;
- 4) a ausência de grupos de lealdade em conflitos;
- 5) o prazer da atividade, as tarefas interessantes e possíveis gratificações não financeiras;
- 6) as próprias notícias como valor.

Neste estudo, a política editorial é compreendida como uma orientação mais ou menos consistente evidenciada por um jornal em toda sua produção jornalística. Segundo o autor, o processo de aprendizagem de orientação política se cristaliza num controle social, no qual se castigam às infrações com reprimidas “suaves”. O autor, no entanto, ainda destaca que há possíveis desvios da política editorial, ou seja, existem

brechas, uma vez que elas nem sempre são completamente claras. Além disso, o sujeito repórter possui um grau de autonomia bastante considerável no processo de construção das notícias. Os jornalistas mais renomados e com prestígio nas organizações conseguem, mais facilmente, transgredir a política editorial. Inspirado nessa teoria, o presente artigo relaciona essa última frase com a jornalista Megyn Kelly, que por sua influência na Fox News (quando trabalhava na empresa) conseguia fazer grande parte do seu trabalho como ela mesma queria. Em um vídeo publicado em seu canal no YouTube, após o lançamento do filme, Megyn afirmou que sempre foi independente e que o máximo que ouvia era uma bronca de Roger Ailes. Ressaltou, porém, que nunca temeu censura ou algo do tipo.

Voltando à pesquisa de Breed, o autor reconhece que o conformismo pode ser amenizado pelo sentimento de autonomia profissional da maioria dos jornalistas. Segundo ele, existem cinco fatores que ajudam a fugir do controle social da empresa.

- 1) A falta de clareza de grande parte das normas presentes na política editorial, que costuma ser vaga ou pouco estruturada;
- 2) As rotinas de produção da notícia, muitas vezes, escapam ao controle dos chefes, que não estão presentes durante a coleta e redação das informações. O jornalista pode privilegiar determinado entrevistado ou dar enfoque específico a um determinado assunto;
- 3) Geralmente o jornalista acaba se tornando especialista em determinada área. E o chefe vai pensar duas vezes antes de interferir na reportagem dele. Principalmente, se a pauta foi sugerida pelo próprio repórter;
- 4) O jornalista pode ameaçar a chefia com a pressão do furo, alegando que o jornal concorrente deve publicar a matéria;
- 5) O "estatuto de jornalista", que é uma espécie de *star system* da profissão. Aqueles que têm estatuto de estrela, como colunistas ou repórteres especiais, podem transgredir com mais facilidade a política editorial.

Ao final da proposta deste teórico, conclui-se que a linha editorial das empresas é sempre seguida, apesar das possibilidades de transgressão descritas.

A TROCA DE FAVORES ENTRE A FOX NEWS COM DONALD TRUMP NAS ELEIÇÕES 2016 DOS EUA

Em debate realizado nas prévias das eleições presidenciais de 2016, a âncora Megyn Kelly, da emissora Fox News, confrontou o republicano Donald Trump a respeito do histórico problemático envolvendo mulheres.

A emissora, com seu público majoritariamente republicano, que se difere da atitude da jornalista, acaba por influenciar seu afastamento temporário. Na ocasião, a âncora contrariou as normas impostas pelo editor-chefe, que visavam influenciar favoravelmente o candidato na disputa presidencial.

Em tese, a partir da proposta da Teoria Organizacional, os jornalistas discordam das normas impostas pelos seus chefes por conta de três motivos:

- 1) seguirem as normas éticas da profissão;
- 2) serem liberais no que dizem;
- 3) pelo impedimento dos superiores de obrigarem os funcionários a exercer suas exigências (BREED, 1993).

Criada em 1996 por Roger Ailes, a Fox News é um canal televisivo de notícias com orientação conservadora. Rapidamente, tornou-se um dos principais canais de jornalismo 24 horas nos Estados Unidos. O vínculo com o conservadorismo esteve desde o início de sua criação. Alinhou-se, amigavelmente, com o governo de George Walker Bush em seus mandatos 2001-2005 e 2005-2009. O filme destaca que, na Fox, as jornalistas eram influenciadas pela diretoria a seguir uma linha conservadora, mesmo discordando dos ideais. Isso denota que ali naquele ambiente retratado a necessidade de alinhar a tal pensamento se torna obrigatória.

Diferentemente do comando de Barack Hussein Obama II, em 2014, onde o presidente se desentendeu com o principal âncora do canal, Bill O'Reilly, que, na época, questionava a decisão de Obama de manter a então secretária de saúde do seu governo. O presidente em seguida ameniza a situação do questionamento feito pelo jornalista e, após, acusou a emissora de ser responsável pelo assunto se tornar polêmica.

O jornalista acusou também a equipe do presidente de amenizar a situação envolvendo as motivações do ataque terrorista que matou o embaixador americano na

cidade de Benghazi na Líbia. A resposta do político seguiu a mesma linha anterior: a linha conservadora do canal persegue o governo democrata.

Ao fim do governo de Barack Obama, a democrata Hillary Diane Rodham Clinton e o republicano Donald John Trump concorreram ao mandato de presidente no ano de 2016. Obtendo a vitória, Trump teve como fiel aliada a emissora. Bret Baier, um âncora reconhecido do canal, demonstrou seu descontentamento com a postura adotada pela emissora. Segundo ele, a Fox News se tornou praticamente uma TV estatal.

De acordo com Media Matters, uma organização sem fins lucrativos que pesquisa desinformação nos Estados Unidos, alguns apresentadores do canal se tornaram propagandistas pessoais do presidente Trump. Jean-Pierre Dubé, professor de ciências do Marketing, da Universidade de Chicago, afirma que grande parte do mandato de Trump esteve alinhado com a desinformação, a Fox News esteve diretamente ligada com a propagação dessa desinformação a seu público.

Ao longo de todo o mandato, o republicano proferiu acusações a diversas emissoras, ofensas a jornalistas, propagação de notícias falsas a respeito de seu governo, chamou a imprensa no geral de inimigo do povo. O embate entre Trump e a imprensa é tão virulento quanto com relação à verdade dos fatos.

Trump, o 45º presidente dos Estados Unidos, mente de forma tão prolífica e com tamanha velocidade que o The Washington Post calculou que ele fez 2.140 alegações falsas ou enganosas no seu primeiro ano de governo - uma média de quase 5,9 por dia. As mentiras dele - sobre absolutamente tudo, desde as investigações sobre a interferência russa nas eleições, passando por sua popularidade e suas conquistas, até o tempo que passa vendo TV - são apenas o mais espalhafatoso entre os vários sinais de alerta acerca de seus ataques às instituições democráticas e normas vigentes. Ele ataca rotineiramente a imprensa, o sistema de justiça, as agências de inteligência, o sistema eleitoral e os funcionários públicos responsáveis pelo bom funcionamento do governo norte-americano (KAKUTANI, 2018, s/p).

Dado esse contexto, a Fox News ganha destaque pela proximidade com o presidente Trump e por não estar dentre as odiadas pelo governante, o que por si só, já denuncia o posicionamento político da empresa.

A SUBORDINAÇÃO DAS JORNALISTAS ASSEDIADAS

É praticamente impossível encontrarmos uma organização onde não tenha ocorrido ao menos um caso de assédio sexual e, infelizmente, também é difícil encontrarmos uma organização em que o tratamento utilizado não envolva a punição e

consequente demissão da vítima, mesmo que se faça parecer que tenha sido de forma espontânea.

A pesquisadora Márcia Veiga da Silva (2014), em seu livro *Masculino o gênero do jornalismo: modos de produção e notícia*, identifica que o processo de produção da notícia e a notícia propriamente dita são atravessados por uma heteronormatividade, que reforça as desigualdades de gênero. “Investigar os modos como o jornalismo está perpassado por gênero é o primeiro caminho para entender como o processo de (re) produção de valores e representações hegemônicos de gênero que, em última instância, refletem a existência de um padrão heteronormativo” (SILVA, 2014, p. 102-103). Tal padrão, identificado pela autora, torna, muitas vezes, as redações jornalísticas em ambientes hostis para mulheres.

O aspecto mais comum nas situações de assédio ou abuso sexual em um ambiente de trabalho como, por exemplo, uma redação de jornal, é que, geralmente, não se trata de relações entre iguais e sim atos praticados por pessoas com cargos superiores, como foi retratado no filme “O Escândalo”.

O filme mostra a subordinação de funcionárias que foram assediadas por Roger Ailes, destacando que o medo de sanções é um dos motivos que levam as funcionárias ao conformismo. Além disso, o fato da ausência de grupos de lealdade em conflitos e interesse por cargos maiores também são motivos para que funcionárias se calem diante desses assédios. Os que foram praticados por Ailes acabam sendo revelados por uma ex-funcionária, após ela ter sido demitida sem justificativa. No início outras mulheres que já haviam sido subordinadas também aparecem contando relatos sobre assédios praticados por ele. Na maioria dos casos, Roger oferecia promoção de trabalho e ameaçava com castigos caso elas não realizassem os atos sexuais. Outras duas mulheres também se juntam na denúncia dando maior relevância pelo fato de terem sido casos recentes, já que ainda seriam funcionárias do diretor-geral. Após o escândalo tomar grandes proporções, Ailes se viu obrigado a renunciar à presidência, em julho de 2016. O grupo de mídia Fox chegou a um acordo extrajudicial com a apresentadora Gretchen Carlson para pôr fim ao processo movido contra Roger Ailes.

No filme é possível observar que além dos assédios sexuais as funcionárias também sofreram assédios morais ao passarem por situações constrangedoras com direito a piada machista nos bastidores ou até mesmo comentários feitos ao vivo,

durante apresentação de jornais. Nota-se que, apesar dos assédios sofridos, algumas funcionárias ficaram caladas por longos anos por medo de colocar a carreira em risco, o que evidencia o quão profundas são as violências colocadas em prática por meio de um sistema organizacional que, casado com o machismo presente na sociedade, acaba gerando um ambiente de trabalho nada saudável e democrático jornalisticamente.

Segundo a autora Maria Ester de Freitas (2001), apesar de todo o discurso de humanização e democratização do mundo do trabalho, de *empowerment* e de participação de todos os níveis no processo decisório, muitas empresas continuam a desenvolver práticas que favorecem a centralização de poder e o autoritarismo. E embora seja verdade que o modelo piramidal se sustenta na autoridade, a autoridade pode ser exercida sem abusos, machismo e excessos.

O MOVIMENTO #METOO

Em 2017, o movimento “#MeToo” ganhou força quando a atriz Alyssa Milano publicou no seu twitter um pedido para que todas as pessoas que já sofreram assédio sexual usassem a hashtag. O termo viralizou no mundo todo, homens e mulheres compartilharam várias histórias relatando abusos e assédios sexuais. A hashtag inspirou milhares de vítimas a quebrarem o silêncio, denunciarem e inspirou a mudança de políticas de instituições.

Enfrentar a violência sexual no ambiente de trabalho requer mudanças políticas (Rottenberg, 2019) e compromisso por parte dos líderes. Tal política significa a implementação práticas de liderança que reconheçam a existência de regimes de desigualdade e busquem desafiar e transformar as relações tradicionais de gênero no ambiente de trabalho caracterizadas por interações produtivas e restritivas baseadas no poder. Essa política depende também da criação de práticas compartilhadas ou de “comunidade”, exemplificadas por movimentos feministas, como o #MeToo, o #ShoutingBack e o Black Lives Matter (MCEWEN; PULLEN; RHODES, 2021, p. 5)

Homens poderosos muitas vezes chantageiam e abusam do poder para que suas práticas ilegais de assédio não sejam denunciadas e visibilizadas para a sociedade, como em um caso similar ao do filme “O Escândalo” envolvendo um dos homens mais poderosos de Hollywood, Harvey Weinstein.

Ele foi acusado de assediar dezenas de mulheres, sendo elas funcionárias e atrizes famosas. Durante anos conseguiu se livrar de processos através de acordos de confidencialidade com as vítimas onde elas eram pagas por ele para se calarem. Segundo um levantamento realizado pelo jornal The New York Times, mostra que mais

de 200 homens influentes perderam seus cargos depois de serem acusados publicamente de assédio sexual. Em casos como esses as vítimas não podem se calar, para se defender do assédio deve reagir rapidamente, não sofrer, ela deve resistir ao assediador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo articular as principais proposições da Teoria Organizacional do Jornalismo com aspectos retratados no filme “O Escândalo”, uma narrativa fictícia baseada em fatos reais, que aborda as humilhações, assédios e objetificações sofridas por jornalistas em uma renomada empresa da área, nos Estados Unidos. Um escândalo que teve grande repercussão envolvendo o então presidente do canal Fox News, Roger Ailes.

O filme se destaca pela denúncia e o medo das mulheres vítimas de assédio de fazer queixas. Críticas, insegurança, medo de demissão, fragilidade, talvez seja um dos motivos que fizeram permanecer caladas, até serem despertadas como uma voz forte, incentivando outras a seguirem pelo mesmo caminho. Tais aspectos podem ser relacionados, claro que em uma situação extrema, ao modo de funcionamento organizacional abordado pela teoria que é foco neste artigo.

Apesar de não ter feito sucesso entre alguns críticos, existem pontos fortes no filme que merecem o devido destaque, sobretudo, quando este levanta a questão sobre a diferenciação de gênero, a mulher no mercado de trabalho e a busca pelo respeito, valorização e reconhecimento. Tais temáticas podem ser articuladas com a demanda da atualidade de se ter redações jornalísticas mais plurais e que funcionem organizacionalmente de uma forma mais equilibrada e diversa.

Sabe-se das limitações de realizar análises que busquem em produções ou situações da atualidade, aspectos aferidos em teorias que foram desenvolvidas a partir de estudos em contextos distintos. Ainda assim, crê-se que tais alusões podem servir para fundamentar reflexões críticas e repensar as teorias a partir de demandas atuais. Espera-se que tal objetivo também tenha sido alcançado a partir das observações, ainda que breves, levantadas neste artigo.

REFERÊNCIAS

ALKIMIN, Maria Aparecida. **Assédio Moral nas relações de emprego**. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2006.

BREED, Warren. Controlo social da redacção: uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson et al. **Jornalismo: questões teorias e histórias**. Lisboa: Vega, 1993. p.152-166.

FIGUEIREDO, Pedro de. **Teoria Organizacional: Uma Análise a partir dos Conceitos de Papel Social e de Novo Espírito do Capitalismo**. Intercom, Rio de Janeiro, 05 set. 2016.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Mal estar no trabalho: redefinindo o Assédio Moral**. Trad. Rejane Janowitz. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade: notas sobre a mentira na Era Trump**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MCEWEN, Celina; PULLEN, Alison; RHODES, Carl. Assédio sexual no trabalho: um problema de liderança. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, FGV EAESP. São Paulo, V. 61, n. 2, mar-abr, p. 1-7, 2021.

MIRANDA, Sérgio Peixoto. **Assédio moral no ambiente de trabalho**. 2017. Curso de Gestão de Pessoas no Poder Judiciário, Escola de Administração Judiciária – ESAJ, Rio de Janeiro, 2017.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SALOMÃO, Mozahir. **Melhorar as rotinas do jornalismo**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2007, 2004.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo: Modos de produção das notícias**. Florianópolis: Insular, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e histórias**. Lisboa: Editora Veja, 1993.

FREITAS, Maria Ester de. **Assédio Moral e Assédio Sexual: Faces do Poder Perverso nas Organizações**. RAE. Revista de Administração de Empresas, São Paulo/SP, v. 41, n.2, p. 08-19, 2001.